

Zumbis, vampiros e seres da cultura mediática



Malena Segura Contrera

*Doutora em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP
Docente do Programa de Pós-graduação
em Comunicação da Unip
Pesquisadora do PQ do CNPq
E-mail: malenacontrera@uol.com.br*

Resumo:¹ O texto, apresentado no V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura - CoMcult, realizado na Faculdade Cásper Líbero, nos dias 11, 12 e 13 de novembro de 2015, dialoga com a pergunta “O que custa o virtual?”, tema do congresso que homenageou a memória e a obra de Dietmar Kamper (1936-2001). Destaca a promessa salvacionista presente nos discursos teóricos sobre o virtual e problematiza o atual estado hipnógeno de consciência do homem representado, no imaginário, pelas figuras cambaleantes e sem foco dos zumbis e dos vampiros.

Palavras-chave: Comunicação, cultura, Dietmar Kamper, imaginário, zumbis, vampiros.

Zombis, vampiros e seres de la cultura mediática

Resumen: El texto, presentado en el V Congreso Internacional de Comunicación e Cultura - CoMcult, realizado en la Facultad Cásper Líbero, en los días 11, 12 e 13 de noviembre de 2015, dialoga con la pregunta “Lo que cuesta el virtual?”, tema del congreso que homenajeó la memoria e la obra de Dietmar Kamper (1936-2001). Destaca la promesa de salvación presente en los discursos teóricos sobre el virtual e problematiza el actual estado hipnógeno de conciencia del hombre representado, en el imaginario, por las figuras tambaleantes e sin foco de los zombis e de los vampiros.

Palabras clave: Comunicación. Cultura. Dietmar Kamper. Imaginario. Zombis. Vampiros.

Zombies, vampires and creatures of the media culture

Abstract: This text was presented on the 5th International Congress of Communication and Culture - CoMcult, at Faculdade Cásper Líbero, on November 11-13th, 2015. By begging the question “What is the cost of the virtual?”, the event was organized as a homage to the memory and the work of Dietmar Kamper (1936-2001). The following paper thus highlights the salvationist promises found in theories about the virtual as a means to discuss the current hypnogenic state of the human consciousness, represented in our imaginary as the tottering and unfocused figures of the zombies and the vampires.

Keywords: Communication, culture, Dietmar Kamper, imaginary, zombies, vampires.

¹ Tradução do resumo em inglês realizada por Lídia Zuin e do resumo em espanhol por Helena Navarrete.

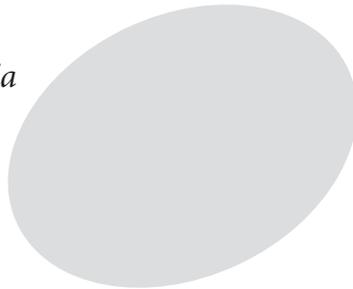
Uma pessoa sem vínculos emocionais com pessoas ou lugares está distante, não livre. Fazermos tudo o que queremos não nos torna livres. Tal comportamento caracteriza as pessoas insanas, que são varridas pelos ventos de suas sensações sem uma percepção consciente da realidade. A ausência de limites resulta numa perda do senso do self. Os limites são fronteiras (Lowen, 1993, p. 190).

Para os que estão acostumados aos estudos do Mito e das Religiões Comparadas não é difícil de perceber, não só na maneira como as pessoas lidam com as novas tecnologias da comunicação, mas também nos discursos teóricos sobre o virtual, que há neles uma promessa salvacionista. E isso não é pouco se considerarmos que todas as culturas de base monoteísta se pautam pela ideia de salvação e redenção, sempre tendo como alvo da purificação do mal o próprio corpo e seus instintos.

A realidade virtual atrai para si as esperanças que não mais depositamos no humano.

O projeto antropocêntrico deu muito errado, como já era esperado, e esse erro ficou evidente no final da Segunda Guerra Mundial. Naquele momento contemplamos a destruição de países e tivemos nossa ingenuidade bombardeada. Não foi mais possível depois dali seguirmos acreditando que nossa espécie era superior às outras formas de vida do planeta. Demo-nos conta de que, de fato, não sabíamos o que vínhamos fazendo, como gostaríamos de crer.

Os zumbis representam essa forma de consciência que não nos deixou transcender pelo meio da morte, mas que não nos deixou ancorar no mundo concreto



Teria sido uma grande oportunidade para olharmos para trás e percebermos que o Iluminismo apostou numa racionalidade total que não seria jamais possível em seres complexos como nós. As soluções perfeitas do processo civilizatório não se efetivaram totalmente em nenhum lugar e, mesmo onde triunfaram por um tempo, vemos ressurgir das sombras as regressões primitivas, a sombra que se acreditava eliminada, como observamos nos muitos casos de intolerância étnica e religiosa na Europa.

Desde a primeira metade do século XX, algumas vozes se levantaram no campo das ciências sinalizando a necessidade de voltarmos nosso foco para o planeta, para os problemas ecológicos que já começavam a se mostrar graves, que necessitavam de atenção e de ações rápidas e precisas. Começando por James Lovelock (2006), Edgar Morin (1993, 2002), Fritjof Capra (1997, 2006), Humberto Maturana (1997, 2004), Gregory Bateson (1979), não é pequena a lista de pessoas que

se colocaram claramente no trabalho de nos conscientizar de que o projeto antropocêntrico havia falhado pelo rumo que tomou, e que devíamos rever a posição e a ação do humano no cenário planetário. Muitas e competentes vozes se levantaram, mas estávamos fascinados pelas mercadorias, pela ação do fetiche, enfeitados pelo desejo mimético de consumir o que consumiam as estrelas de cinema, os atores de telenovela, os porta-vozes publicitários da cultura de massas, embevecidos demais com as luzes que piscavam nos aparelhos. Basta recordarmos os filmes de ficção científica da década de 60 para lembrarmos que o astro desses filmes era o painel de controle das naves espaciais, cheio de luzes que piscavam.

Como disse Dietmar Kamper,² o excesso de luz nos preparou para uma nova forma de cegueira, uma cegueira branca, como sugeriu Saramago em seu *Ensaio sobre a cegueira*. Uma cegueira que não percebeu que os véus de Maia cobriam os nossos olhos, um a um, por meio de uma sobreposição infinita de imagens técnicas. E essas imagens refletiram não a transcendência, mas apenas as superfícies, como sabemos, aprisionando-nos num labirinto de espelhos no qual o Minotauro é nossa própria fome por mais imagens (Baitello, 2014).

Fomos alertados, sim, fomos. Não podemos dizer que não sabíamos, ou que não sabemos. Mas parece que não somos capazes de retomarmos nossa história de erros, sairmos

² Dietmar Kamper (1936 – 2001) foi professor de educação física antes de cursar o doutorado em filosofia. Atuou na Universidade de Marburg e depois na Universidade Livre de Berlim, onde fundou o Centro Interdisciplinar para Antropologia Histórica. O V Congresso Internacional de Comunicação e Cultura – CoMcult -, com a presença de pesquisadores(as) do Brasil, Argentina e Colômbia, bem como de pesquisadores(as) residentes na Alemanha (Birke Mersmann, Danielle Naves de Oliveira e Torsten Leder), foi pautado por uma das importantes questões formuladas por Kamper: *O que custa o virtual?* O evento, promovido pelo Centro Interdisciplinar de Semiótica da Cultura e da Mídia – CISC – da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), pelo grupo de pesquisa Mídia e Estudos do Imaginário da Universidade Paulista (Unip) e pelo grupo de pesquisa Comunicação e Cultura do Ouvir, do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Faculdade César Libero, contou com o apoio do Centro de Eventos César Libero, do Goethe Institut e da FAPESP.

em busca de algum entendimento acerca de onde erramos; recusamo-nos a voltar atrás, a recapitular. Olhar para o passado em busca do ponto do desvio arrasador que tomamos seria a forma de agir a partir da responsabilidade; mas responsabilidade supõe consciência, e é aí que falhamos.

Vimos há muito tempo, e mais intensamente a partir do século XVII (Berman, 2005), desenvolvendo uma forma de consciência seletiva, muito predisposta aos construtos abstratos da lógica e da quantificação infinita, mas pouco vocacionada para o autoexame, para o reconhecimento das próprias limitações, e sobretudo muito pouco interessada nos desdobramentos simbólicos e nas imagens endógenas. Construimos o que venho chamando de consciência hipnógena (Contrera, 2012), intolerante ao princípio da realidade, avessa à dimensão concreta do mundo, esse lugar onde as coisas morrem e podem dar errado, onde as pedras são duras e não saem da nossa frente se não as empurrarmos montanha acima. Sísifo tentou nos ensinar, mas não entendemos nada. Cambaleantes e sem foco, os zumbis representam essa forma de consciência que não nos deixou transcender pelo meio da morte, mas que não nos deixou ancorar no mundo concreto, no corpo.

Nesse contexto construimos essa forma peculiar de consciência por meio de algumas estratégias adotadas na sociedade do capital e do consumo.

O apagamento da genealogia é uma dessas estratégias. Apagar o passado, apagar a genealogia das coisas é a forma mais perfeita de abolirmos o tempo e, com ele, o futuro e a morte que espreita a tudo o que vive no tempo e pelo tempo. A ilusão de que as novas tecnologias nos devolvem todo o tempo que perdíamos nos deslocando foi desmascarada pela evidência de que de fato o que elas fazem é formatar nossos cérebros para a distração programada, para a descontinuidade, para a incapacidade de focarmos no que quer que seja. Como bem

disse Nicholas Carr (2011) estamos sendo programados por tecnologias da superficialidade para sermos ligeiros e pueris.

O atual estado hipnógeno de consciência do homem, próprio da sociedade mediática, é então perfeitamente representado no imaginário pela figura do zumbi.

O caráter pueril do homem contemporâneo está de acordo com a cristalização nos estágios narcísicos da consciência, outro fator que nos impediu de seguirmos adiante no processo de humanização. Erich Neumann (2000) trouxe com muita clareza a dimensão pueril do narcisismo e a compreensão de que, por algum motivo que ainda não podemos compreender por completo, a maior parte das consciências se deixam cristalizar nesse estágio de desenvolvimento, o que de certa maneira nos vocaciona para a cultura mediática das intermináveis autorrepresentações, como mostrou Muniz Sodré (1994).

A recusa à responsabilidade é a forma de ação da consciência presa no estágio narcísico da psique, no estágio infantil. Sofremos dos males do complexo de *puer*: paixão por velocidade, ilusão de onipotência, estilo de vida centrado exclusivamente na satisfação rápida dos desejos pessoais (que não duram mais que algumas horas, quando muito), cegueira para a alteridade, crença mágica nos recursos inesgotáveis da grande mãe nutridora e, especialmente, desinvestimento afetivo em relação ao próprio corpo.

Alexander Lowen nos disse, fazendo um diagnóstico sobre a perda da dignidade que assola uma sociedade narcísica, que:

A chave para a dignidade é a sensação de ter os pés firmemente plantados na terra. Nossas pernas e nossos pés são como raízes de uma árvore que não só ancoram a árvore em sua realidade, mas fornecem também a base para o impulso ascendente de seu crescimento. As pernas e os pés de uma pessoa são o seu sistema de apoio e proporcionam o alicerce para o seu senso de *self*. Se ela tem um contato sensorial com a terra, através das pernas e dos pés, a pessoa está ligada à realidade do seu corpo como

consubstanciação do seu ser. Faltando-lhe esse contato, diz-se que a pessoa não está assente na terra – ela está no ar ou na cabeça e ligada principalmente às imagens que aí residem (Lowen, 1993, p. 199).

Perfeita descrição da sociedade das imagens técnicas, que nutre total desprezo pelo ecossistema. Quanto mais imaterial, melhor. A cibercultura tem um profundo apreço pelas relações imunizadas, assépticas, à maior distância possível das carnes e de tudo que é da esfera da terra.

Também o horror que a cibercultura demonstra ter pelos limites revela um movimento regressivo que abre espaço para o aparecimento de outra força da sobrenatureza, os titãs, conforme abordamos no texto *Os maiores e os melhores do mundo: o titanismo na comunicação e na cultura* (Contrera, 2003). Entregarmo-nos a uma dinâmica titânica foi outra estratégia de abortarmos a consciência adulta. O titanismo aqui, mais uma vez pensando a partir de Rafael Lopez-Pedraza (1997), configura-se nas fantasias do ilimitado, na terra sem leis da internet; mascarando-se a realidade de que por trás desse jardim mágico de todas as possibilidades habitado pelos fantasmas de um mau imaginário, o velho e sábio diabo orchestra tudo por meio de seu agente mágico – o dinheiro –, conscienciosamente administrado pelos multimilionários de onde partem os programas.

Desta forma, nossos “homens de sucesso” são invariavelmente vampiros energéticos. Transformados todos em funcionários do sistema, como bem apontou Vilém Flusser, entregamos gratuitamente nosso tempo de vida

trabalhando pela alimentação da rede virtual eletrônica planetária; uma rede que, aliás, usurpou o conceito de rede dos sistemas vivos para depois autoproclamar-se a legítima rede.

Incríveis crianças que nunca se perguntam por quem está atrás dos palcos, por quem é o programador, crédulas frente às máscaras, protegidas pela inocência da inconsciência.

Como disse Cecília Meireles: na delicadeza de um poema, sempre há um anzol outro que fisa o coração do pescador.

É preciso certo grau de maturidade, de estrutura egóica para voltar os olhos para a terra devastada de seu próprio reino, para o vazio da própria alma. Isso quase foi demais para o Rei Arthur, quase foi demais para Fausto.

Parece que não temos estrutura psíquica para vermos o apocalipse que nós mesmos produzimos, como disse Günther Anders (2003). E enquanto não o pudermos vê-lo, enquanto caminharmos cegos pela profusão de imagens que nos distraem e nos ilusionam, caminharemos para o abismo.

Penso que, lamentavelmente, entraremos para o esquecimento como aqueles seres meio zumbis, meio vampiros, que ainda assim tentavam ser românticos e, enquanto caminhavam para o precipício por eles mesmos criado, olhavam desesperados para telas mágicas em busca de alguma salvação.

O que custa o virtual?

A morte das derradeiras esperanças no humano - talvez seja essa a resposta mais sincera à pergunta frente a qual todos nós aqui nos apresentamos.

(artigo recebido nov.2015/aprovado nov.2015)

Referências

- ANDERS, G. **L'Uomo è antiquato 1**. Considerazione sull'anima nell'epoca della seconda rivoluzione industriale. Torino: Bolatti Bolinghieri, 2003.
- ANDERS, G. **L'Uomo è antiquato 2**. Sulla distruzione della vita nell'epoca della terza rivoluzione industriale. Torino: Bolatti Bolinghieri, 2003.
- BAITELLO Jr., N. **A era da iconofagia**. Reflexões sobre imagem, comunicação, mídia e cultura. São Paulo: Paulus, 2014.
- BATESON, G. **Mente e natureza** – a unidade necessária. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1979.
- BERMAN, M. **El desencantamiento del mundo**. Santiago: Cuatro Vientos, 2005.
- CAPRA, F. **A teia da vida**. São Paulo: Cultrix & Amana-Key, 1997.
- CAPRA, F. **Alfabetização ecológica** – a educação das crianças para um mundo sustentável. São Paulo: Cultrix, 2006.
- CARR, N. **A geração superficial**: o que a internet está fazendo com os nossos cérebros. Rio de Janeiro: Agir, 2011.
- CONTRERA, M. S. **Mediosfera** – meios, imaginário e desencantamento do mundo. São Paulo: Annablume, 2010.
- CONTRERA, M. S. Mídia e mimese. In: BORNHAUSEN, D., MIKLOS, J., SILVA, M. R. **CISC 20 anos – Comunicação, Cultura e Mídia**. São Paulo: CISC; São José do Rio Preto: BLUECOM, 2012. Disponível em: <http://cisc.org.br/portal/biblioteca/CISC_20_anos-Comunicacao_Cultura_e_Midia.pdf>. Acesso em: 30 out. 2015.
- CONTRERA, M. S. Os maiores e os melhores do mundo: o titanismo na comunicação e na cultura. In: LEMOS, A. et al. (Orgs.). **Mídia. BR**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- CONTRERA, M. S. Simpatia e empatia – mediosfera e noosfera. In: BAITELLO Jr., N.; WULF, C. (Orgs.) **Emoção e imaginação**: os sentidos e as imagens em movimento. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014.
- FLUSSER, V. Do funcionário. In: FLUSSER, V. **Da religiosidade**. A literatura e o senso de realidade. São Paulo: Escrituras, 2002. p. 83-89.
- KAMPER, D. **Bildstörungem**. Im Orbit des Imaginären. Stuttgart: Cantz, 1994.
- KAMPER, D. **Corpo. Fantasia. Imagem. Loucura**. Disponível em: <www.cisc.org.br>. Acesso em: 15 jun. 2015.
- KAMPER, D. **Mudança de horizonte**. Tradução de Danielle Naves de Oliveira. São Paulo: Paulus, no prelo.
- KAMPER, D. O padecimento dos olhos. In: CASTRO, G. et al. (Orgs.). **Ensaio de complexidade**. Porto Alegre: Sulina, 1997.
- KAMPER, D. **O trabalho como vida**. São Paulo: Annablume, 1997.
- LOPEZ-PEDRAZA, R. **Ansiedade cultural**. São Paulo: Paulus, 1997.
- LOVELOCK, J. **GAIA** – Alerta final. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2010.
- LOVELOCK, J. **GAIA** – cura para um planeta doente. São Paulo: Cultrix, 2006.
- LOWEN, A. **Narcisismo** – negação do verdadeiro Self. São Paulo: Cultrix, 1993.
- MATURANA, H. R.; VARELA, F. **De máquinas e seres vivos** – Autopoiese – a organização dos seres vivos. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- MATURANA, R. M.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar** – fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.
- MORIN, E.; KERN, A. B. **Terra-Pátria**. Barcelona: Kairós, 1993.
- MORIN, E. **Rumo ao abismo?** Ensaio sobre o destino da humanidade. São Paulo: Bertrand Brasil, 2007.
- MORIN, E.; WULF, C. **Planeta** – a aventura desconhecida. São Paulo: Unesp, 2002.
- NEUMANN, E. **História da Origem da Consciência**. São Paulo: Cultrix, 2000.
- SARAMAGO, J. **Ensaio sobre a cegueira**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- SODRÉ, M. **A máquina de narciso**: televisão, indivíduo e poder no Brasil. São Paulo: Cortez, 1994.

